

RESENHA

Sociologia da infância

Giselle Reznik Wajsbrodt Zlot¹

gi.zlot@gmail.com

Luciana Gandarela Chamarelli²

luciana.chamarelli@gmail.com

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Trad. Lia Gabriele R. Reis. Rev. Maria Letícia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011, 2ª ed.

De maneira sensível, Corsaro aborda aspectos teóricos e metodológicos para a pesquisa com crianças e introduz alguns conceitos para se pensar esse sujeito social a partir da nova Sociologia da Infância. O autor apresenta a perspectiva da reprodução interpretativa, lançando um novo olhar para as crianças e suas interações entre si e com o outro. A partir dessa concepção, as crianças são compreendidas como reprodutoras de uma cultura que é apresentada a elas e que as afeta, assim como produtoras e membros ativos na construção social da infância e sujeitos capazes de criar e modificar aspectos dessa cultura.

Tendo como enfoque as crianças como categoria de estudo, o autor apresenta reflexões e resultados de investigações, enriquecendo o texto com experiências da sua própria prática ao trazer pesquisas que realizou na Itália e nos Estados Unidos.

Corsaro introduz na primeira parte do livro dois eventos para apresentar conceitos de criança e infância. As crianças, para o autor, são agentes sociais,

¹ mestranda em Educação (PUC-Rio)

² mestranda em Educação (PUC-Rio)

que, de forma ativa e criativa, contribuem para a produção das sociedades adultas e são produtoras de cultura. A infância seria uma “forma estrutural”, apesar de ser um período temporário e sofrer variações sociohistóricas. Nessa parte, o livro se desmembra em três capítulos.

No capítulo 1, o aparecimento do interesse em estudar as crianças na sociedade é abordado. No redescobrimto da criança pela Sociologia, o autor percebe junto com Jens Qvortrup que as crianças foram marginalizadas por serem dependentes nas sociedades. De forma contrária aos estudos sobre socialização, que veem a criança como consumidora da cultura dos adultos, Corsaro propõe a noção de reprodução interpretativa. Para ele, o termo interpretativo abrange aspectos criadores da participação infantil na sociedade e o termo reprodução inclui a ideia de que as crianças colaboram ativamente para produção e mudanças culturais, sendo afetadas pela sociedade e cultura que integram. A reprodução interpretativa enfatiza especialmente a linguagem e a participação infantil em rotinas culturais e aborda a ideia de que a criança participa e integra duas culturas interligadas - a das crianças e a dos adultos.

No capítulo 2, a noção de reprodução interpretativa é ampliada a partir do ponto de vista estrutural. Diante disso, o autor defende de que a produção infantil de cultura de pares não é uma questão de simples imitação ou apropriação direta do mundo adulto. As crianças se apropriam criativamente da cultura adulta para produzir suas próprias culturas.

No capítulo sobre o estudo das crianças e da infância, metodologias são desdobradas. O aparecimento do interesse por crianças na sociologia proporcionou o crescimento de vários métodos, tanto os que capturam o cotidiano infantil (nível micro), quanto os que capturam a contextualização dessa infância, que é vivida de diversas maneiras (nível macro).

A segunda parte situa a teoria de reprodução interpretativa nos contextos cultural e histórico. Ela se desdobra em dois capítulos. No capítulo 4, o autor apresenta primeiramente o estudo de Philippe Ariès acerca da história da infância e as críticas metodológicas com o trabalho de Linda Pollock. E em seguida, elucida os trabalhos dos novos historiadores da infância. No capítulo 5, são apresentadas observações de como recentes mudanças sociais e o crescimento das organizações familiares, tanto nas sociedades industrializadas quanto nas em desenvolvimento, afetam as crianças e a infância.

Na parte III, dividida em quatro capítulos, o autor trabalha o que é ser realmente parte das culturas infantis e analisa as crianças e suas culturas de pares. Essa análise é feita a partir de uma abordagem interpretativa, “com ênfase não só em valores e preocupações partilhadas, mas também em aspectos públicos, coletivos e performáticos da vida social” (p.126).

No capítulo 6, o foco é entender a cultura de pares, a partir das perspectivas das próprias crianças. Corsaro define “pares” como um grupo de crianças que passa seu tempo junto de forma cotidiana, no dia a dia, e entende que as culturas de pares das crianças construídas a nível local interagem e contribuem para outras culturas infantis e também para as culturas dos adultos. Isso é visto como essencial para a elaboração da reprodução interpretativa. As famílias aparecem como mediadores iniciais nas rotinas das crianças, onde elas serão inseridas nos mundos dos adultos e depois, com outras crianças, constituirão as suas culturas de pares. As crianças não sendo vistas somente como receptoras das culturas dos adultos.

O autor analisa as culturas infantis a partir das culturas simbólicas (crenças, preocupações e valores) e das culturas materiais (vestuário, livros, ferramentas artísticas, de alfabetização, brinquedos).

No capítulo 7, o conceito de cultura local é trabalhado e entendido como a cultura que é construída e compartilhada de forma presencial, a partir das interações entre os sujeitos. É interessante perceber o desenvolvimento do tema das culturas de pares infantis. O autor mostra que, no início, as crianças tentam obter controle sobre suas ações e sobre suas vidas, compartilhando isso com seus pares. O conceito de amizade aparece relacionado a essa tentativa de controle. Se por um lado umas crianças defendem o seu espaço interativo como uma forma de delimitá-lo, outras buscam estratégias de compartilhamento, como o ingresso não verbal e o cercamento, quando observam a brincadeira e procuram se inserir nela, fazendo parte daquele espaço. Essa produção de atividade compartilhada e a proteção de invasões é o que define de forma inicial a amizade na infância, e aparece também ao longo da vida, principalmente na cultura de pares pré-adolescentes. Os ajustes secundários infantis são entendidos como respostas das crianças, vistas como criativas e coletivas, ao mundo dos adultos.

O capítulo 8 trabalha conflitos que também aparecem nas culturas de pares. Muitas vezes nas relações de amizade, os conflitos aparecem como fortalecedores das relações (alianças) interpessoais, como discussões para acordos de negociação entre as crianças, mas não sobre a forma de agressão. Isso muitas vezes acontece quando elas se sentem autorizadas para resolvê-los, sem necessariamente a intervenção de um adulto. Ainda nesse capítulo, Corsaro avança com a ideia de que muitas vezes as crianças resistem às regras dos adultos como forma de desenvolvimento da sua identidade grupal.

No nono capítulo, sobre as culturas de pares pré-adolescentes, são trabalhados principalmente o compartilhamento na cultura de pares e a tentativa de controle de suas vidas em relação aos adultos, enquanto desenvolvimento de suas identidades sociais. Aceitação, popularidade, solidariedade grupal e outras relações de amizade, como a chamada estrutura de “panelinha³”, citada por Corsaro a partir de uma pesquisa de Adler e Adler (1998), surgem como importantes nas culturas de pares dos pré-adolescentes.

As atividades diárias das culturas de pares pré-adolescentes (como jogos organizados e informais e contações de histórias coletivas) permitem exploração e negociação nas relações de amizade, além de refletir sobre os conflitos e o desafio do controle da autoridade do mundo adulto.

Na última e quarta parte, dividida em três capítulos, duas perspectivas de ver as crianças e os problemas sociais nos Estados Unidos e em muitas sociedades ocidentais são apresentadas: as crianças como problemas sociais e os problemas sociais das crianças. No primeiro enfoque, desdobram-se três visões: as crianças são percebidas como inferiores comparadas aos adultos, necessitando de proteção intensiva ou responsabilizadas pelos problemas que as afetam. O segundo enfoque percebe os problemas sociais em que as crianças estão inseridas como algo em que a sociedade tem a obrigação de se responsabilizar para melhorar. Ao desenvolver esses aspectos, Corsaro contribui para pensar em como ajudar as crianças a enfrentarem os desafios apresentados a elas atualmente.

³Nessa estrutura, os “líderes”, populares, manipulam e controlam as relações com os pares.

O capítulo 10 enfoca como as mudanças nas estruturas familiares afetaram negativamente ou não a vida das crianças e a natureza de suas infâncias. O autor trabalha três mudanças. A primeira mudança é o aumento no número de famílias em que ambos os pais trabalham e as crianças ficam sob cuidados não parentais. Nesse aspecto, Corsaro sente a necessidade de mais apoio às famílias enfatizando o fornecimento de licença maternidade remunerada, creche de qualidade e programas de educação infantil. A segunda é relacionada ao grande crescimento no número de divórcios. Há sugestões de estratégias para redução de possíveis efeitos negativos: manutenção de rotinas familiares cotidianas e nível de conflitos baixo dos pais na presença dos filhos são algumas delas. Devido à complexidade dos efeitos do divórcio sobre as crianças, desafios metodológicos se fazem presentes nas pesquisas. O terceiro aspecto é o número crescente de famílias monoparentais.

Um outro tema trazido no capítulo são os vários tipos de abuso infantil, muitos envolvendo negligência, e a necessidade de mais programas e uma consciência da extensão desse problema.

No capítulo 11, a gravidez na adolescência, violência contra crianças e a pobreza são fatores que chamam atenção na realidade estudada por Corsaro. A pobreza é discutida e os diversos problemas e efeitos na vida das crianças em sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento. Apesar de programas que possibilitam melhorias, a pobreza ainda aparece com um dos piores fatores que afetam a qualidade de vida das crianças. Como forma de combate à pobreza, o autor destaca:

- a participação das crianças em decisões políticas que as afetam, influenciando programas e ações na linha de Convenção dos Direitos das Crianças. Um exemplo é que, em 2002, dois jovens foram selecionados para falar sobre crianças em uma sessão especial nas Nações Unidas. Um era da Bolívia e outro de Mônaco;
- o trabalho das ONGS (organizações não governamentais);
- a luta contra a exploração do trabalho infantil tendo como possível solução a reprovação da comunidade internacional com relação ao problema, além da realização de ações econômicas contra os países

que utilizam a exploração do trabalho infantil e o ativismo das ONGs nos países em que isso acontece;

- ênfase maior nos programas destinados ao cuidados das crianças.

O capítulo 12 retoma o início do livro em que Corsaro enfatiza a participação ativa das crianças na sociedade e também na criação de suas culturas de pares. Relembra um exemplo trabalhado em uma pré-escola de Modena em que percebeu em sua pesquisa a segurança dos sujeitos nas culturas de pares, que são inter-relacionadas, e da escola local, e com isso, um enriquecimento tanto das culturas das crianças quanto dos adultos a partir dessa combinação.

Em seguida, discute desafios para enriquecer a qualidade de vida infantil, desafios que, para ele, são principalmente econômicos e ligados a pobreza infantil, como trouxe nos capítulos 10 e 11.

Alguns encaminhamentos e propostas são postos e analisados, pensando, principalmente, a realidade das crianças nos Estados Unidos: (i) maior tempo dos adultos dedicado a elas, tanto na família como nas escolas e organizações comunitárias (que aparecem como muito importantes para reunir as famílias); (ii) maior interação de faixas etárias, como dos idosos e das crianças, como percebeu em Modena, na Itália; (iii) e apoio a famílias que se encontram em situações de instabilidade e/ou de risco, como conflito familiar, divórcio, desemprego.

Para ele, enriquecer as apropriações das crianças sobre o mundo dos adultos faz com que elas tenham mais oportunidades e experiências e se incentive nelas a construção de suas culturas de pares e faz também com que se possa compreender as contribuições que elas podem dar e dão às construções dos adultos. É muito importante que as crianças possam desfrutar de suas infâncias.

Para quem estuda a infância, a leitura do livro se faz indispensável. Ao colocar as crianças no centro da reflexão e entendendo que são afetadas mas também colaboram com a produção da cultura, a obra contribui para renovar o olhar para as crianças e entendê-las como sujeitos ativos e criativos na sociedade em que se situam.